N.º 14 Ovar, 12 de Agosto de 1906 Anno I

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS
Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso . . . . . 20 »
Redacção e administração—LARGO DA PRAÇA—**Ovar**

PROPRIETARIO E EDITOR
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
—
TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES
No corpo do jornal . . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . 50 » « «
Repetições . . . . . 25 » » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes

A RUSSIA POLITICA E SOCIAL

VIII

Um resto de influencia de que ainda gosavam os boyards, acabou com a emancipação dos servos: o estado fez-se o medianeiro do seu resgate: assim o czar era uma entidade que ainda ia crescendo.

Uma classe poderosa, que era a senhora da terra e que devia ter uma importancia real no poder, está excluida pela burocracia venal e concussionaria: mas isso mesmo, qne aos czars serviu para engrandecer a sua auctoridade, é o que hade facilitar a transformação liberal, a queda das instituições actuaes: essa nobreza antiga era o maior obstaculo, o maior forte esteio do absolutismo; annullada ella, a revolução não encontrará resistencia, nada mais tem a fazer do que apear o czar, o chefe dos funccionarios: o mesmo succedeu em França quando o absolutismo real abateu o poder da nobreza e a annullou politicamente, a revolução não achou quem lhe resistisse e desde o primeiro momento dispoz das forças da nação inteira.

Mas ainda bem que os defeitos proprios do czarismo vão minando a terra debaixo dos pés do autocrata, e o funccionalismo venal e corrupto não póde valer-lhe; era a velha aristocracia que podia dar ao imperio uma significação pelas suas qualidades privativas, pelas suas tradicções, mas hoje essa entidade politica nada vale, nada exprime; apenas lhe resta a vida castellar d'outras eras entre as festas esplendidas e ruidosas de uma fútil ostentação.

D'esta falta de um destino serio, d'este viver nullo, resulta um aborrecimento, um tédio roedor que Puchkine, um grande poeta, descreve em seus versos. O nobre russo é intelligente, espirituoso, facilmente imitador dos costumes estrangeiros, mas tocado d'um spleen devorante não sabe o que hade fazer de si, apenas acha aberta á sua actividade a profissão das armas.

A face militar do imperio illude os olhos da Europa: servir é a unica ambição, o privilegio da raça nobre; mas para o soldado é uma vida de horror, de miseria, e maus tratos; sem mobil algum moral caminha elle para os combates sempre constrangido; e d'antes quando o serviço de 25 annos o emancipava, nunca reclamava a liberdade, porque deixando de ser servo era excluido da sua aldeia.

As reformas de Pedro I não influiram no arranjo dos elementos sociaes; a unidade do poder fundou-se pela creação do tchin e foi toda formal e exterior.

Realmente não existem nobres, mas estados e situações que nobilitam, uma ordem, um corpo com direitos politicos que são privilegios, como por exemplo o da nomeação dos funccionarios. Pedro I tornou a nobreza accessivel a todos os que não fossem servos para abater a antiga aristocracia, e substituiu ao nascimento a patente, o grau conferido pelo czar, fixou as condições da passagem d'uma classe para outra, extremou-as, e tudo ficou muito mais dependente do soberano do que estava antes d'elle.

A sociedade russa não é um cahos mas uma sociedade artificial, oppressiva, onde não entram nem se exercem livremente os direitos naturaes.

IX

Entre as classes inferiores da Russia, propriamente dita, o socialismo é uma pratica tradiccional, e não uma theoria á espera da sua applicação.

Até ao fim do seculo XIII a terra pertencia ao soberano: o principe era o representante da familia slava, e como tal o unico proprietario.

Pedro I abandonou aos boyards, como transmissiveis e hereditarias, as terras que elles possuiam.

A's communas concedeu o usofructo, e por isso, ora annualmente, ora a cada novo recenseamento por ordem do governo, se faz uma nova repartição dos bens communs.

Cada individuo tem o direito de reclamar uma parte egual á dos outros.

Ha pois uma unidade predial concedida em uso-fructo á unidade collectiva dos paisanos. Os lotes, eguaes segundo a natureza e o valôr productivo do solo, são tirados á sorte.

As mattas, as pastagens, a caça e a pesca ficam indivisas.

Uma reserva é destinada áquelles que sobreveem no intervallo das partilhas, e a indemnisar os lesados: a porção vacante por morte de um individuo entra na reserva que é arrendada pela assembléa communal.

E' isto o que explica o amor do russo ao *mir*, á sua communa: na sua linguagem o *mir* é santo, é poderoso: é Deus o seu juiz: o kzar é o pae commum, cada russo um irmão, a Russia uma só familia.

As auctoridades locaes não têem força material para coagirem; mas todos se inclinam ao seu poder moral, e isso basta para que não hajam recriminações nem queixumes.

Este systema está tão radicado nos habitos do povo, que existia já antes dos regulamentos da corôa.

Nas aldeias industriaes onde todos fabricam o mesmo producto, acha-se a mesma organisação no trabalho. E communas ha, que depois de terem remido as terras, continuaram na mesma forma socialista, como quando eram simples usufructarias.

X

Se compararmos a Russia com a Turquia a quem os Kzars pretendem civilisar, vemos na segunda um estado viciado pelos abusos, o espirito faccioso, a indisciplina dos governadores de provincia, o fanatismo da população inferior, a corrupção dos tribunaes, mas nenhum falso principio dominando a legislação politica que se opponha ás reformas.

Constituiu-se o absolutismo, mas de facto; e a intolerancia religiosa repugna á letra do Koran.

Desde o seu começo não houve na sociedade mossulmana privilegio algum constituido, nenhuma classe nobre, nenhum direito divino, gerarchia derivada das pessoas, nenhum poder espiritual, nenhum sacerdocio, mas a igualdade social a mais rigorosa; e foi entre as nações modernas a primeira sem padres; lá tudo são magistraturas.

Pela falta de regulamentos, de codigos especiaes, de ordem nas funcções, de divisão de poderes, introduziram-se costumes oppressivos. Mas nada obsta, nem interesses legaes de classe, nem principios religiosos ou politicos, a uma transformação politica no sentido o mais liberal; livres carreiras abertas á intelligencia: livre accesso a todos os cargos; só a instrucção e o diploma dando direito ao exercicio das funcções publicas—não sabemos o que em principio se possa exigir mais.

Primeiro que o padischah está a nação, e o livro do propheta.

Pelo contrario na Russia o absolutismo e o privilegio constituem a base social.

Acolá o despotismo é um accidente, está no modo de usar do poder, aqui na sua essencia—acolá é um abuso, aqui um direito, uma legalidade.

Na Russia a sugeição das massas ao proveito dos nobres não foi violencia a um povo conquistado; foram Pedro I e Catharina II, os preconisados civilisadores, cujos decretos escravisaram a população livre.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Á VOLTA DOS "IRMÃOS UNIDOS,,

A nuvem que parecia querer turvar a harmonia dos «irmãos», desappareceu com a velocidade do relampago, e a sua apparição apenas conseguiu tornar mais intima a união.

Ainda bem, já porque o nosso vaticinio foi verdadeiro, já porque o desastre da desunião seria irreparavel; nem mesmo era de crêr que um pacto, firmado por uma completa harmonia de pensar e proceder, fosse desfeito por uma nuvem, esfarrapando-se uma alliança offensiva e defensiva, tão necessaria para o desenvolvimento de todas as *industrias e artes*.

Eil-os, pois, de viseira erguida empenhados na mesma batalha, cujo primeiro plano é—fazer esquecer o seu passado vergonhoso.

*

A «irmã», no seu ultimo numero, para desfazer os amuos do «irmão», resultantes das surrinhas, que em occazião de mau humor, e bem contra sua vontade lhe havia dado, enche-o de denguices e trata-o de honrado, bom e justo, e pede-lhe que não a desampare na cruzada, em que ambos se empenham.

Ha-de «ella» pensar sempre como o «irmão», relativamente á actual Camara, que tem desbaratado os bens municipaes.

Têm ambos razão em se unirem para as questões camararias, porque depois de alta e grande sabedoria, que mostraram nas suas respectivas administrações, quando o concelho teve a infelicidade de os ter como administradores, hão de elles pensar da mesma forma, porque egualmente procederam.

E' a necessidade da defeza.

*

Doeu-se o «irmão» com a publicação, que fizemos, da importancia d'algumas quantias, pagas pela Camara, quando elle era gerente.

Isso não é nada, e ha-de vir o resto e mostrar-se bem ao publico, em que foi applicado o dinheiro do municipio em tempos, que já lá vão, e que, com certeza não voltarão. Ha-de provar-se que houve individuos, que receberam quantias importantissimas para pagamento de calhau, sem que fornecessem uma unica pedra; e mais que essas pessoas, apenas recebiam o dinhero, o iam entregar a uma parte certa e determinada.

Affirma o «irmão» que, se pagou 44$375 réis, só por um annuncio, foi porque a lei obrigava a sua publicação, e outras Camaras tambem pagaram.

E' falso que outras Camaras pagassem, e a lei, vigente ao tempo, simplesmente mandava publicar por annuncios o dia, em que era feito o sorteio, e bem assim as listas dos contingentes das freguezias.

Ora no mandado dizia-se que era para pagamento do annuncio, do sorteio, e pagar-se 44.375 reis, só por annunciar o dia, em que se fazia o sorteio, é muito forte!

Isto passou se no mez de Natal.

*

Mudou do pensar a «irmã» sobre o pagamento de legado Ferrer ás orphãs, que se casaram em 15 de Julho; porquanto, o principio dizia que os legados havim de ser pagos antes de haver deliberação camararia, e agora diz que a deliberação não se pode executar sem que, em nova sessão seja aprovada a acta anterior.

Reforça a sua argumentação appelando para o *espirito* do testador.

Seja tudo pelo divino amôr de Deus.

As deliberações municipaes, que não dependem de approvação superior são *desde logo* executórias, isto é, desde que se tomam, podem e devem immediatamente executar-se (Cod. Adm. art.º 54; a Camara não precisa de approvar o que já está approvado.

Na sessão seguinte a Camara apenas examina a minuta apresentada pelo secretario para ver se está em harmonia com as deliberações tomadas e approva ou não a *minuta*, deliberando sobre isso, simplesmente os vereadores, que estiveram presentes á sessão anterior.

E até pode acontecer que na sessão seguinte não esteja presente nenhum dos vereadores, que assistiram á sessão anterior, e como não ha reclamação contra a minuta, considera-se approvada; caso, que se pode dar na mesma gerencia, e que se dá sempre quando na mudança de gerencias.

E se assim não fosse, ficavam sem execução as deliberações tomadas na ultima sessão de qualquer gerencia.

Relativamente ao *espirito* do testador, deixe-o a «irmã» estar descançado, porque elle bem precisa e o merece.

Se attendesse sómente á pobreza e necessidade das orphãs, teria de se lhes dar os dotes, antes mesmo do casamento, para com as suas importancias ellas occorrerem a necessidades inadiaveis; porém o testador exigiu a circumstancia de se casarem n'um dia certo e determinado, e até previu a hypotese de fallecer alguma das contempladas antes do dia do casamento, ordenando que se fizesse novo sorteio d'entre as demais contempladas.

*

O «irmão», já que não pode pescar com *artes*, pesca com *manhas*.

Ultimamente illudiu o Léro-Gaio, levando-o a fazer uma denuncia falsa contra o seu antigo arraes, queixando-se da falta do pagamento da soldada.

Submettido o caso a julgamento, o denunciante confessou que se achava pago de tudo o que se lhe devia, e que ainda era elle quem devia ao arraes, pelo que desistia do seu requerimento, que foi feito sob suggestão de terceiro e com falsas promessas,

Isto foi o que se passou; porém, o «irmão», com aquella desfaçatez, que lhe é muito peculiar, veio fazer um grande escarceu sobre o caso, faltando á verdade, como sempre.

Os pescadores são uns desgraçados, uns escravos, porque o «irmão» não é arraes nem socio de companha.

Os arraes são uns exploradores, porque, ha annos e não muitos, não cahiram na asneira de admittir o «irmão» para seu socio nas companhas apezar de muitas instancias.

*

Até que enfim, depois de passados trinta e cinco dias, voltou a «irmã» a dar o titulo de *conselheiro* ao seu director politico.

Não nos diz qual o numero e a data do «Diario do Governo», em que foi publicado o decreto, que agraciou S. Ex.ª com tal mercê; mas diz que o decreto tem a data de 21 de outubro de 1903, confessando, tacitamente, que tal decreto, se é que elle existiu, nunca chegou a ser publicado.

N'estas condições, não ha um *conselheiro* a valer, mas sim um *pseudo-conselheiro*.

Nós não levamos a mal que a «irmã» dê ao sr. Dr. Sobreira o titulo de *conselheiro* porque a outros d'Ovar, de posição inferior, se dá o mesmo titulo, mas o que não acreditamos é em que o sr. Dr. Sobreira se arrogue tal titulo, porque 1.º—a sua excessiva modestia não lh'o permitte; 2.º elle sabe muito bem que o Codigo penal, no art.º 237, pune com prisão até seis mezes e multa até um mez, todo aquelle que se arrogar qualquer titulo de nobreza, que lhe não pertença.

A Visão dos Tempos—e as Modernas Ideias na Litteratura Portugueza

Conclusão da carta do n.º passado

Está-nos a parecer, editor querido, que tu fizeste como o cirurgião inexperiente, que, pretendendo extirpar um tumor canceroso, vae arrancando, pegadas a elle, as entranhas da sua victima. Porque a carta, comos os scirrhos, tinha ramificações e raizes, que se extendiam pelo corpo da obra, e que, não sendo cautellosamente extirpadas, se reproduzem, e sendo-o, arrancam tudo, tudo e fica o frontespicio, o indice e a capa do livro! Ah! se tu podesses arrancar as paginas todas, todas de uma vez, sem que d'ellas ficasse o vestigio! Olha, o author engolia a carta, engolia os typos que compozeram a sua obra, engolia a machina que a reproduziu, engolia os leitores, engolia a lingua portugueza: engolia o paiz inteiro, ufano de tirar esta nodoa do mappa geographico da Europa, e vanglorioso de não ter mais *delatações* a fazer, nem de ter que sentir-se mais envergonhado pela patria, por esta ingrata patria, de que elle em varias queixas, entre as quaes não é a menor a de não ter ella querido engolir a peta da carta de Ayres Barbosa.

Mas, já agora não tem remedio! deixemos ficar Portugal na Europa, e a carta no livro. Com ella se prova o engenho investigador do sr. Theophilo Braga e a excellencia do seu systema, que dizem ser muito bom. Será; mas nas mãos d'elle dá aquelle resultado. Aquillo é como se alguem quizesse classificar productos mineraes pelo systema das familias naturaes que Jussieu inventou para classificar os individuos do reino vegetal. O methodo é bom; a applicação daria o quartz na familia das rosaceas, o feldspath nas curcubitaceas, a mica nas malvaceas... excellente! Uma faca é um bom instrumento, muito util e proveitoso; mas em mãos inexperientes pode cortar a gente. A culpa não é da faca!

Tambem, que diabo! Avaliar seriamente os documentos antes de os fazer entrar como materiaes para a elaboração dos considerandos e deducções que o engenho quer tirar d'elles, é cousa que qualquer faz. O sr. Theophilo faz o contrario; aproveita os documentos e depois da obra feita é que lhes aprecia a veracidade! Que importa que fôsse elle quem reconhecesse aquillo, que fôsse o editor que palmasse a carta por alta recreação, que fôssem os amigos que dessem pelo logro ou que fôsse a imprensa illustrada que esmagasse o sr. Theophilo com a censura e o fizesse acordar do doce somno que dormia á sombra da carta? Qualquer das hypotheses dá o mesmo resultado; e é que o insigne professor poz na base da sua edificação um enorme pedregulho e depois é que foi ver se era boa pedra lioz, se apenas greda amassada. Seja o que for! Elle já lá está. Se escapa, escapa; se não, dá com o edificio em terra, mas que o leve o demo que pouco importa!

O outro que mandou pintar as paredes de casa e caiál-as depois, procedia com o mesmo espirito de ordem com que procede o snr. Theohilo em relação ao exame dos documentos.

Depois, a descoberta do snr. Theophilo vae decerto desenvolver uma nova industria; a da leitura de documentos preciosos para caracterisarem épocas litterarias. Ha já quem afiance ter encontrado uma carta de Nicolau Tolentino com versos do snr. Luiz de Araujo sobre a decadencia das letras em Portugal no tempo de D. Diniz; e outros que affirmam ter achado um precioso documento em que se prova á evidencia terem as apreciações do sr. Theophilo sobre a vida de Camões e os tres originaes opusculos do sr. Jayme José Ribeiro de Carvalho sido adivinhados por Damião de Goes no seculo passado!

Em d'estes descobrimentos chegando a noticia ao sabio e consciencioso investigador do curso superior de letras, teremos livro novo, a augmentar a sua gloria, já tão acrescentada com o seu estudo sobre Camões e com a descoberta da carta de Ayres Barbosa, que d'ora ávante ficará ligada ao nome do distincto professor, como a ostra ao rochedo, ou o cogumelo ao tronco annoso, ou a cabeça d'alho á sua competente restea.

E quanto ao mais que deixem fallar os maldizentes, os invejosos, os pifios que nunca descobriram cartas de Ayres Barbosas nenhuns, nem são capazes de as descobrir, nem têm editores que lh'as palmem, nem arranjam modestamente desculpas para encobrir a gloria dos seus achados, desculpas que os mesmos maldizentes, invejosos e pifios, querendo designar por um qualificativo que nunca houvesse sido applicado a nenhum outro acontecimento litterario, ousam alcunhar de *miseranderrimas!*

Invejas de que o sr. Theophilo Braga, de dentro da aureola da sua esplendente gloria, e encarrapitado no pedestal, em que o ergue e erguerá aos olhos dos vindoiros a carta de Ayres Barbosa, sorri desdenhoso!!

Christovam de Sá.

X

D'aquillo, que tanto me pertence, ser-me preciso justificar a propriedade com varias provas, testemunhos, e argumentos, e porque a reclamei, ver-me exposto a que me julguem falso reclame, é triste, mas este meu queixume não pede aos theophilos qualquer moderação para commigo.

Em defeza, mais do meu pundonor do que da gloriola de ter escripto uns versos, quero contar por miudo a composição do *Firmamento* e do *Noivado*.

Do primeiro já explicamos algumas estancias, as quaes não permittem a duvida de que o snr. Passos temeraria e loucamente se attribuiu o que era impossivel ter feito ou sequer concebido.

Vou continuar a analyse.

A 1.ª estancia.

Gloria a Deus—Eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgar intenso
Seu nome adoro escripto!
Já do seu tabernaculo eis corrida
Uma ponta do veu misterioso...
Desprende as azas remontando á vida,
Alma, que anceias pelo eterno goso!

No momento em que eu resolvia procurar o Snr. Ayres de Gouveia para lhe recitar os meus versos, ainda faltavam a esta 1.ª estancia os dois ultimos; custava-me leval-a incompleta, não atinando com um remate, que me agradasse, lembrei-me de haver traduzido de Lamartine os que a terminam, e que *estão contradizendo o espirito, a idea geral da poesia.*

Lastima-se o homem da brevidade da existencia—e exclama—«alma, desprende as azas, remonta á vida, tu que *anceias* pelo eterno goso!!»

Mas pensei, ninguem notará a contradicção=sahi, dirigindo-me a casa do Dr. Ayres de Gouveia.

Alem d'isso—o «remontando á vida» não tem sufficiente clareza.

A estancia não começava por um «*gloria a Deos*,» mas assim;

Eis aberto o livro immenso—

mas o quarto verso—«*Seu nome adoro escripto*»—não indicava grammaticalmente a quem se referia—por isso fui obrigado, muito contra minha vontade, a pôr no começo um «gloria-a-Deos»—frase da Cartilha.

O 1.º verso, que era de sete syllabas, passou a ter onze.

«Livro immenso» «livro do infinito» é livro de mais, e livro do infinito nada exprime, não se tolera.

Descontente com os dois primeiros versos e com os dois ultimos, corrigi-os.

Vamos á 2.ª Estancia—que está muito curiosa no livro do Snr. Passos; no rascunho, que lhe entreguei, escrevi.

Espheras, que brilhaes n'essas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Acaso sois as lampadas sagradas
Dos seus humbraes divinos?
Se pullulaes do seio omnipotente.
Sumir-vos-heis por fim na eternidade?
Ou sois faiscas do seu carro ardente
Ao rolar atravez da immensidade?

O Snr. Passos com o seu criterio esthetico, igual ao do auctor das Visões, emendou *espheras* para *estrellas*, *o acaso* emendou-o para a affirmativa repetida «*vós sois, vós sois*»—não se contentou com uma só.

A 2.ª quadra da mesma estancia trocou-a pela seguinte:

Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas do seu carro ardente
Ao rolar atravez da immensidade!

Affirmou duas vezes, que eram as lampadas dos umbraes, depois disse que pullulavam da substancia eterna e (apezar d'isso) se sumiam na eternidade, e pullulando do seio do Ente supremo são ao mesmo tempo as faiscas do carro em que atravessa os espaços!!!

Eis ahi a prova do senso esthetico, e da habilidade artistica e plastica do illustre plagiario, a quem só iguala o meu critico na *Visão dos Tempos*.

São disparates de 1.ª ordem.

Tendo eu na 1.ª estancia considerado o universo como um templo, já me repugnava continuar essa imagem na 2.ª, onde interrogava as estrellas sobre os seus destinos, se eram uma creação, ou emanações do Ente-supremo e se eram emanadas como podiam extinguir-se?

O Snr. Passos com o seu alto senso converteu as perguntas em affirmativas—!

E depois acrescentou com mais senso ainda, «que eram as faiscas do carro da Divindade ao rolar atravez dos ares—» Eram simultaneamente lampadas, porções divinas, e faiscas do carro.

D'onde resultou este jôgo d'inepcias?

No meu rascunho tinha eu indicado variantes, entre as quaes o snr. Passos escolheu, e misturando-as, como lhe approuve, compoz e deixou-nos essa estancia para monumento da sua arte e para servir de base á critica profunda do Snr. Theophilo.

Na quarta estancia referia-me as estrellas mais distantes, e começava ella d'este modo.

E vós lá perto accesas
Do throno soberano,
Quem vos ha-de seguir nas profundezas
D'esse ethereo oceano?

E quando recitei esses versos ao snr. Soares de Passos enganei-me e disse.

E vós no fundo accesas, etc.

E notei—tanto vale «lá perto» como no fundo accesas.

O inconsciente plagiario quiz uniformisar todos os primeiros versos das estancias, isto é, que todos fossem de onze syllabas, e n'esta julgou, que havia conseguido o seu desejo juntando as duas frases, e escreveu—

E vós perto brilhaes no fundo accesas
Do thono soberano—

D'aqui dois desconchavos:

1.º ficava a 4.ª estancia a referir-se aos grupos sideraes já descriptos—quando ella queria indicar outros, que giram a mais distancia—

2.º—E dizendo que brilham perto, diz no mesmo verso, que são as que brilham mais longe—!

A 2.ª quadra da mesma estancia precisava de ser corrigida.

E quem hade contar-vos n'essas plagas,
Que os ceos ostentam de brilhante alvura
Lá onde sua mão sustem as vagas
Dos soes que um dia romperão n'altura.

Aqui estão indicadas as nebulosas, que já Herschell considerava como astros já formados, e outros como enormes massas de gazes ou vapores.

Eu adoptando a primeira opinião, que já o telescopio confirmara, e (note-se bem) attendendo, a que o nosso astro-centro se dirige com a sua familia para a constellação de Hercules, e que era de presumir, que n'essa viagem outros astros nos apparecessem, traduzi esta hypothese nos versos.

Lá onde sua mão sustem as vagas
Dos soes que um dia romperão n'altura.

Ninguem vê, nem suppõe o facto astronomico occulto n'esses versos senão agora depois, que eu o revelo.

E a razão, porque deviam ser corrigidos é, porque a alvura não é brilhante, mas indistincta, e a expressão biblica dos espaços celestes é *alturas* e *não altura*—a correção é facil e será:

E quem hade contar-vos n'essas plagas,
Das quaes mal se distinguem as alvuras,
Lá onde suas mãos sustem as vagas
Dos soes que vão rompendo nas alturas...?!

Quando cheguei a este ponto da poesia, tinha empenho em não passar em silencio a origem e a formação dos globos.

Vi o annuncio de um livro de Marcel de Serres—«*A Formação de novos Astros*».

Antes de o ter—escrevi uma estancia segundo a *Biblia*, que como se sabe nos descreve a creação dos mundos como instantanea, brilhando e girando taes como são, desde o primeiro momento, em que surgiram á voz do Eterno.

FOLHETIM

UMA PAISAGEM (1)
OU
O Golpho de Genova

Reproducção de uma poesia de Lamartine

—*—

Eis a lua no céu, no céu limpo e sereno,
Como na praia escura um pharol se adeanta:
Na maga luz, que a noite, o espaço, e a terra encanta,
Alveja o golpho ameno:

Ao seu fulgor enleiante
O olhar percorre atrahido
A curva molle ondulante
Do monte além estendido;

Segue a areia sinuosa
Que se alonga e o mar abraça,
Onde sobre a onda lassa
Brinca a espuma á luz mimosa.

E lá no seio dos mares,
Que desce, sobe e palpita,
Ergue-se á turma infinita
Dos globos que vão nos ares.

Mas dize, porque assomas,
Astro inutil ao homem?
Acordal-o virás e recordar-lhe as maguas?
Tudo em ti é mysterio;«á tua luz se somem
Do globo os seres mil na terra ou nas florestas;
E do trabalho então cessa a fervente lida:
Nem ella anima as festas,
Nem o prazer da vida!
O fructo não madura á tua fria chamma,
E ninguem nada pede ao seu lume infecundo;»
Tu achas quando vens insensivel o mundo:
Porque é triste, não te ama!
Debaixo d'estes céus n'estas margens serenas
Quem attento dá fé de que tu vaes pâssando?
Attardado no mar o remador apenas
Ao teu clarão mimoso a barca vem guiando.
Aqui só eu medito!
Astro amigo e tranquillo, a vaga immensidade
Se te vê rebrilhar n'estes negros momentos
Diante do infinito,
Nas horas em que prende o somno a humanidade!
E' porque Deus te fez a luz dos pensamentos,
Comtigo a mente sóbe aonde tudo aspira;
Onde, talvez, quem sabe, um dia ainda habite...,
Tu lhe mostras aberto o espaço sem limite,
Onde louca divaga e em mil sonhos delira!
De milagre em milagre «atravez das esferas,
Pelo universo immenso.
Tal ao sair das mãos eternas formoso eras,
Assim fulgindo estás agora em quanto eu penso!»
Brilha, astro piedoso, em face ao Creador!
E se o vês ao renovar-te o divino fulgor,
Dize lhe qne n'um ponto escuro d'estes mundos,
Com quem elle reparte a luz consoladora,
Um atomo que a voz perde na immensidade,
De teus raios jucundos
Sosinho, murmurava á viva claridade
O seu nome que adora!

«Porque, ó astro te anuvias,
E o trovão de quando em quando
Pelas nuveus que alumias
Ouço agora resoando?
Onde vão ellas errantes?
Porque sempre inconstantes
Umas vezes estendidas
Se alongam como o oceano,
Outras surge o vento insano
E ficam como pendidas,
Assim de um monte as ruinas,
Que a lava ardente lambeu
E tu agora illuminas,
A cair estão do céu!
Agora fingem montanhas
Co'os altos cumes ardentes;
Agora abrem as entranhas
E sae a luz em torrentes;
Agora como em novelos
Os densos véos enrolando
Imitam os frios gelos
Pelas serras alvejando;
Aqui um monge sentado
Com estranho vulto incerto;
Alem um templo isolado,
Ou as tendas no deserto;
Eil-as em torres e arcadas
Que se desfazem tocadas
Por uma invisivel mão;
Eil-as um rebanho e os velos
Por cada um dos astros bellos
Dispersas largando vão;
Seus restos já não diviso...
Outra vez o espaço liso
Embebendo o teu clarão!»

E no vasto silencio ao descer da collina
A torrente se arroja e logo precipita
Novas ondas e sempre a tornear se agita
Ao longo da campina,
E a revolver-se forma as ondas mais formosas
Que parecem na espuma alvas rosas boiando»
Ou de cysnes um bando
Que as azas caprichosas
Á tua argentea luz por sobre ellas desdobra:
O ouvido espera em vão que os seus orgulhos cesse,
E o longinquo murmurio ora abate ora dobra,
E os ares em redor monotono ensurdece.

Ah! como é grato vêr na solitaria praia,
A's horas do silencio, a onda que alli desmaia,
E nem sequer suspira:
A noite que retem a doudejante brisa
Teme de embaciar-lhe a verde face lisa
Onde a estrella se mira.
Lá o mastro descança inclinado e sem velas:
E o tremulo fulgor das languidas estrellas
Na prôa fatigada o nauta contemplando
Ao fiel oceano as cordas abandona
E das aguas á tona
As deixa bambeando.

«A terra veda alli aos ventos irritados
Um espaço onde cruzamos ramos namorados
Do sycomoro e da tilia, e da aroeira em flôr:»
Onde fina e brilhante uma franja d'areia
Entre os montes e o mar branquejando serpéa
Ao teu meigo fulgôr.

«O carvalho, a figueira, os braços estendendo
E as rosas dos jardins á luz estão pendendo
Sobre as vagas dormentes:
E tu a nivea fronte além como envolvendo
No sombrio arvoredo
Pareces escutar ás folhas indolentes
Um intimo segredo.»

Imagem do repouso, ó dôce e grato asylo,
Não sei o que de ti vem calar no meu sér;
Como o sysne ama o lago eu quizera tranquillo
No teu seio tambem minha vida esconder.

Mas que ouço quando a terra em seu gozo adormece
Nas torres da cidade o bronze que estremece,
O navio que despede as salvas trovejantes,
O éco surdo que alonga os continuos ruidos
Do instrumento guerreiro e dos carros girantes,
Da bigorna estridente os agudos gemidos
Do martello que desce os golpes compassados,

---

(1) N'esta traducção substituimos, conservando sempre a unidade de pensamento, muitos versos nossos aos do auctor e mesmo estrophes inteiras e seguidas, como tambem omittimos algumas que contradizem a meu ver, a impressão geral de toda a poesia. As substituições principaes são desde, maga luz até globos que vão nos ares; desde, á tua luz se somem até lume infecundo; desde, atravez das espheras até em quanto eu penso; desde, porque ó astro até embebendo o teu clarão; desde, a terra veda alli até em flor; desde, o carvalho a figueira até ultimo segredo; desde, os astros em quanto até esquecidos; desde, em vão minha alma até vae sumindo; desde, minha alma sem pezar até ó Deus a tua essencia.

Fiz a estancia sem querer que valesse e sahio assim:

E tudo outrora na mudez jazia
Nos veos do frio nada:
Reinava a noite escura; a luz do dia
Estava em Deos concentrada.
Elle fallou, e as sombras num momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu veu de mundos desfraldou ovante!

Ao recital-a notei ao Snr. Passos, que estava em contraste com toda a poesia—quando recebesse o livro de *Serres* havia de eliminal-a, e substituil-a.

O inconsciente Passos conservou-a.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

(*Continua*).

LEMBRANÇA

(*Continuação*)

(Ao meu presado amigo Augusto da Costa e Pinho, como prova de estima e dedicação.)

Eu...?! Aqui, teve ella encolhimento na resposta.

Mas, o pae adivinhou tudo, porque sabia que a filha foi deixada pelo *Augusto*, e que a ideia d'ella era fazer vêr a este, que, se um rapaz a deixava, outro a queria.

Ainda assim, o Snr. Marques não ficou sem declarar que, se o *Augusto* tentára pegar namôro com a *Anna, uma formosa donzella*, fôra porque ella lh'o annunciava deante... da sua loja, ou onde quer que os seus olhares se trocassem, o qne quer dizer que em vista do exposto, a jovem *Anna* não devia proceder como procedera, o que por agora me abstenho de relatar.

E demais, disse o velho, não quero que por forma alguma namores um rapaz pobre. O Snr. Marques tinha em vista casar a sua Izabel com um terceiranista de Direito; porisso impedia a todo o momento, d'ella namorar com outros rapazes.

Mas ella, ente desejado pelo Antonio da tia Michaella, entendia que, deixar de corresponder ao affecto que o seu querido lhe tributava, seria uma perda extraordinaria para ella e para o seu amante. De maneira que continuaram a falar, até que á quarta vez foram vistos pelo velhinho.

D'esta vez foi preciso que o Snr. Marques interrogasse o malicioso Antonio, com as perguntas seguintes:--Você deseja casar-se com a minha filha?-- Eu, meu caro Snr., verdadeiramente não estou resolvido já a contrahir o matrimonio; mas se o Snr. destinar isso com a sua filha, *não me deito de fóra.*

Quero que me diga qual a importancia do seu dote ou bens que haja a pertencer-lhe. Eu, Senhor, para dizer-lhe tudo, não preciso muito tempo; porem, dizer-lhe que não possuo bens, é uma verdade.

No entanto, o meu Pae tem uma propriedade que se chama -«*o ceu*»- e offerece-m'a sempre que imploro d'elle o meu bem estar e o de sua filha. Se não fôra a devoção que tenho pelos Santos, eu mão presentiria já a nossa felicidade, simplesmente porque a nossa vida seria renegada por todos, e a nossa tranquilidade não seria formosa.—Então porque razão é que Você diz isso?—Digo isto porque não havendo quem agradeça ao Senhor Supremo o pão que dá para sustentar-nos, o Senhor deixa de sêr rico de bens communs, e sua filha estiará dos mesmos.

Por conseguinte tenho ousado pedir o pão nosso para cada dia ao meu visinho Santo Antonio da Capella, o qual por sêr santo do meu nome, satisfaz promptamente os meus pedidos. Para eu acreditar em tudo quanto me disse e para chegarmos á conclusão do negocio que pretende realisar, é precisamente indispensavel apresentar-me as provas que demonstrem a veracidade dos factos.

Sem que tal aconteça, não consinto que haja mais palavras sobre taes coisas. Da mesma maneira, Senhor, e com o mesmo alcance, eu lhe falo, acrescentando, que é mister acompanhar-me até á capella do meu visinho Santo Antonio. Alli juntos ajoelhados deante do milagroso Santo, pedimos-lhe o que quizermos que tudo nos será immediatamente concedido.--Não foi preciso mais coisa alguma para se destinarem a visitar o Santo. No dia seguinte, era uma segunda feira, ás tres horas da manhã, dirigiram-se para a Ermida do Santo Antonio, que ficava distante um kilometro, apenas.

(Continúa)

Antonio Maria de Mattos

Reflexos pallidos

II

Cabellos de azeviche e olhos negros, é tal a sympathia de que gosa, que quasi e sempre se vê rodeiada de innumeros amigos no seu *atelier* de modista. Alli é ella quem faz as honras da conversa.

Cheia de encantos, imprimindo á conversação uma *graça* infinita, è uma primorosa contista de historistas alegres.

E se alguem tem a infeliz ideia de a contrariar—pobre d'elle! entrincheira-se no seu reducto de teimosia. e pode-se então dizer, como o vulgo: *teimosa como um carneiro.*

Todas as tardes. quando o sol agonisa no occidente, n'uma asfixia de sangue, lá vai ella, de cantaro á cabeça, a caminho da fonte do Cazal—d'esse sitio tão poetico, enlevo de Julio Diniz.

E quantas vezes, em noites luarisadas, a Lua a vem surprehender no caminho! Mas ella nada receia.

Não é indubitavelmente uma Brites d'Almeida. Mas é corajosa e até podemos affirmar que é *valente* como as armas.

Deu-lhe Deus por vizinho, o Santo Antonio... da Praça!

Gil Braz.

Boletim Elegante

Fez annos, no dia 6:

O nosso sympathico amigo o snr. Amadeu d'Oliveira Ramos.

E faz no dia 13: o snr. Augusto Lamy.

—

Esteve entre nós a semana finda, o snr. José Pacheco Polonia, nosso conterraneo e importante commerciante na cidade do Porto.

—

Encontram-se tambem n'esta villa o Exmo Snr. Dr. Emilio Aleixo e sua Exma esposa.

—

Partiu, hoje, para a quinta de S. Lourenço do Bairro o Snr. Carlos Baptista, nosso prezado amigo e inteligente pharmaceutico, n'esta villa.

—

Encontra-se a banhos na praia do Furadouro, com sua Exma esposa, o sr. Dr. Antonio Luiz Gomes, eminente caudilho do partido republicano.

—

Partiu no dia 4 do corrente, para o Pará, o Snr. Gonçalo Ferreira Dias.

Desejamos feliz viagem.

NOTICIARIO

NECROLOGIA

Falleceram, a semana finda, n'esta villa, os Snrs. Damião d'Oliveira Vinagre e Placido d'Oliveira Ramos, ambos negociantes.

—

Falleceu tambem, no Pará, no dia 23 de Julho findo, o Snr. João Ferreira Arage, filho do Snr. Manoel Joaquim Arage, da rua da Graça, d'esta villa.

A's familias enlutadas, sentidos pezames.

Melhoramento

A junta de parochia d'esta freguezia, tenciona brevemente cobrir a egreja matriz a telha «Marselha».

Contribuições do Estado

Avizamos os nossos Ex.^{mos} leitores de que foi prorogado o prazo, até 30 de Setembro, para o pagamento das contribuições geraes do estado.

FESTIVIDADE

No dia 19 do corrente realisar-se-ha a festa em honra de S. Domingos, no logar do Sobral, constando na vespera, de illuminação e musica, e no dia de missa solemne a grande instrumental, sermão ao Evangelho e em seguida procissão, e de tarde arraial.

Não perde occasião o «Ovarense» em arremessar aos outros o titulo que ganhou á custa de muito *trabalhinho.*

Assim é que, no ultimo numero, fazia uma aleivosa referencia ao Snr. João Polonia, sobre uma propriedade que foi vendida, para o seu producto ser applicado em beneficio da Irmandade dos Passos, d'esta Villa.

O auctor da local, que bem se conhece pelas muitas unhas que tem nas palmas das mãos, esquece o que foi, o que é e o que será, e calumnia os extranhos para não dizer a verdade dos de casa.

Historiemos:

Foi legada uma terra lavradia á Irmandade do Senhor dos Passos, para o seu producto ser applicado no douramento do Passo da egreja, por virtude do que foi arrematada a dita propriedade em hasta publica.

No dia da arrematação, como houvesse diversos concorrentes, fizeram todos elles uma licitação particular para adjudicação do dito predio; e para que não houvesse prejuizo para a irmandade, cada um recebeu a sua respectiva parte entre o preço porque o predio foi á praça e aquelle por que foi licitado, obrigando-se no acto do recebimento a entregar, á Irmandade, essa quantia.

D'este facto não resultava prejuizo para a Irmandade, e o arrematante lucrava pagar menos cisa.

Pois todos cumpriram á excepção d'um tio do director do «Ovarense», e apezar d'isto o director d'aquelle orgão, que não tem coragem para accusar o tio publicamente, depois de o ter feito particularmente, vem accusar outros falsamente, da falta do cumprimento d'um dever.

A quantia que cada um dos concorrentes tinha a pagar á Irmandade era de 16$800 rs.; pois o snr. Polonia d'accordo com os gerentes offereceu uma lampada de prata que custou 33$800 rs.

Ainda não se encontrou nos tribunaes um ladrão que dissesse que havia alguem honrado.

CAÇA

Ha dias que fizemos publicar nas columnas d'este semanario, uma *escrevedura*, como chama a este genero de escriptos o nosso bom amigo Snr. Simeão Cardoso, a proposito das leis que regulam o exercicio da caça, mas, oh fatalidade!

Estavamos longe de suppor, que como transgressores d'essas leis, tivessemos este anno, *por heroes*, segundo nos affirmam, pessoas que nos são proximas.

Temos visto tanta cousa que não nos admiramos de que isso succedesse.

E' caso para se dizer, como nos disseram, que prégavamos moralidade aos outros, mas que não a usavamos.

Tudo isto nos contrista muitissimo.

Como satisfação aos nossos illustres confrades em Santo Humberto, temos a declarar, *que esses heroes*, se é certo o que lhes attribuem, não são caçadores, assim como não são homens de caracter.

São puramente uns selvagens, porque não pensam que matando agora uma codorniz, pode perder-se uma ninhada d'ovos ou occasionar-se a morte aos filhinhos; são deshumanos, porque quem assim procede, desconhece, por certo, as leis da humanidade; são egoistas porque tendo guardado o defeso durante cinco mezes, podiam esperar mais um mez e todos os caçadores sabem que n'um mez se vinga muita caça. Vamos finalisar, confiados em que siga os seus tramites uma participação, que nos dizem ter sido apresentada contra os transgressores e que estes sejam severamente castigados, como merecem.

Agosto de 1906.

Pechote.

Arrematação

A Junta de Parochia d'esta villa faz publico que no dia 19 do proximo mez d'Agosto pelas 9 horas da manhã na sacristia da egreja matriz se ha-de proceder á arrematação em hasta publica dos trabalhos relativos á collocação da telha, denominada «marselha» na egreja matriz e em harmonia com o orçamento e caderno d'encargos que se acham patentes diariamente em casa do thesoureiro da mesma Junta, Antonio da Silva Brandão Junior.

A adjudicação será feita ao menor licitante, se assim convier aos interesses da Junta.

O deposito provisorio será de 5 % sobre a base da licitação.

Ovar, 30 de Julho de 1006.

O Presidente,
Abbade, Alberto d'Oliveira e Cunha

Agradecimento

A familia do fallecido Placido d'Oliveira Ramos agradece penhoradissima, a todas as pessoas que se dignaram cumprimental-a e acompanharam o extincto á sua ultima morada, protestando-lhes sua eterna gratidão.

Ovar, 11 de Agosto de 1906.

Agradecimento

O abaixo assignado e familia agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram por occazião do fallecimento de seu sobrinho João Ferreira Arage.

Ovar, 10 de Agosto de 1906.

Agostinho Mattos.

Aos caçadores

Antonio da Cunha Farraia, participa que acaba de receber directamente de **Liége-Belgica**, um variado sortido de espingardas e seus accessorios, para differentes preços.

—Pede portanto ao respeitavel publico, a fineza de vêr a sua fina qualidade e bom gosto que decerto todos confirmarão.

Garante-se a qualidade e modicidade de preços, que são mais razoaveis do que os de qualquer casa do Porto, no genero.

Rua da Graça
OVAR
Antonio da Cunha Farraia.

De vez em quando os hymnos,
E gritos repentinos,
Silencios demorados...
O ar cheio d'estes sons ás ondas os murmura,
Num momento os abafa e noutro os reproduz,
Tal o mar procelloso á mente se afigura
Que as ondas arrebata e logo reconduz.

E lá vive em tumu to
D'infindas gerações o enxame vagabundo
Que a terra como gera incessante devora,
«Dos astros em quanto o lindo e meigo vulto
Verte a serena luz e mais bello e jocundo
Se abre o seio d'aurora!
Errando como insectos
Da natureza a paz e dos céos os mysterios
Profanam sempre vãos os homens inquietos
Ora a destruir ora elevando os imperios!
Que lhes importa o vento os seus nomes derrame,
E venha o mesmo som ferir os seus ouvidos
Que este um heroe se chame,
E outro da historia acorde os éccos esquecidos?»
Mas antes d'este cedro annoso e carcomido
Os descarnados pés torcendo, mal sostido,
Que cem invernos conta, as folhas recusar;
Antes que a rocha além, já pendente nos ares,
Oscillando na base ao choque d'estes mares
Se veja baquear.

Este afan, esta lida, este rumor em tudo,
Do mundo vario e louco as vozes distraidas,
Para sempre estarão no abysmo eterno e mudo,
Onde o tempo acumula as idades perdidas

E ainda avivarás, ó Deus, estas imageens
Pelos valles e montes
Estas ondas e perfumes,
Os cantos ás folhagens.
E ao astro os vivos lumes,
Nos espaços sem fim, nos vastos horisontes.
Uma lingua ha desconhecida,
Que os ventos fallam nos ares,
O insecto e a planta florida,
A vaga á beira dos mares,
Nos olhos a luz divina,
O astro a surdir da collina,
Da selva os sons ondulantes,
O horisonte aos céus unido,
O alvo lyrio recolhido,
E as estrellas scintillantes;

O oceano onde abre a aurora
O fecundo seio puro,
A herva secca do muro.
Das aves a voz sonora.
O rumor que ao longe corre,
O raio a ferir a torre,
O sol que nos doira as festas,
Os templos sobre as collinas,
A memoria das ruinas,
E o silencio das florestas;

As sombras dos altos cumes
D'onde o astro se retira,
A flôr onde a brisa expira,
Os vivos, ardentes lumes,
Os clamores das cidades,
O deserto, as tempestades,
A noite que o mêdo exala,
Do monte agreste as bafagens,
Os velhos troncos selvagens,
E esta lingua de ti falla;

De ti, Senhor Ser dos seres,
Verdade, amôr, esperança,
Que o intimo d'alma feres,
E ella anceia e não alcança!
Em cada som que murmura,
Para ti, essencia pura,
Do universo sobe o grito:
O nada mesmo proclama
Que és da vida a occulta chamma;
Só tens um nome—» Infinito—!

«Mas em vão, minha alma, queres
Comprehender esses hymnos
Que cantam milhões de seres
E derrama em sons divinos
O poema do universo.
Em cada esphera disperso,
No seio do espaço infindo,
Nos céus, na terra e nas ondas,
Onde o mysterio tu sondas,
Onde se elle vae sumindo!»

O' terra, ó mar, ó noite, ó scena magestosa,
Que espelhas a belleza eterna, ao teu encanto
Porque dos olhos cáe involuntario pranto
Dize, estancia formosa?
E diante dos céus e das ondas que ella ama
Minha alma sem pesar sinto agora gemendo:
E porque atravez de tudo que está vendo,
D'esses cantos d'amor da geral harmonia,
Ella só entreviu a infinita belleza
O ideal da existencia,
E julgava colher no prazer que revia
Da viva natureza,
O' Deus, a tua essencia!»

Aveiro—setembro de 1872.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, taes como: facturas, mappas, recibos, enveloppes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

DE

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encommenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encommendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente.

CAZAS

Quem pretender comprar uma morada de cazas altas, novas, com quintal, armazem, poço e agua encanada, sita na Estação, proximo á capella do Martyr, dirija-se a Joanna Rodrigues da Graça, viuva, da mesma rua, ou a esta redacção.

ALFAIATARIA DA MODA

Abel Guedes de Pinho, participa ao respeitavel publico d'Ovar, que abriu uma alfaiateria na rua das Ribas d'esta villa, encarregando-se de fazer toda a obra concernente á sua arte para o que está habilitado, responsabilisando-se pelo seu bom acbaamento; tambem, faz varinos ou gabões pelo systema d'Aveiro, o que executa com a maxima perfeição, visto ser filho d'um dos primeiros artistas d'Aveiro, e d'onde trouxe a melhor pratica.

Espera portanto, do respeitavel publico a fineza de o auxiliar na sua industria, pelo que muito reconhecido fica.

ESTAÇÃO CALMOSA

(Entre dois TYPOS muito conhecidos)

A pedido d'uma DAMA FE.. RENTIVEL,
Como uma rosa, N'UM JARDIM, AMÁVEM,
Vou mandar á FAVA a PINGA RECREAVEM,
E arranjo uma JOIA FORMOSITIVEL,

OIBES?... ABENÇOADO SEJAS TU...
ANDAS BEM... ARRANJA ISSO...
MANDA O VINHO A' FAVA... Oibes?...
E' MELHOR A JOIA... E' VERDADE ISSO...

Ora do LUZIO, VINHISMO
E' ESPECIATIVEL, esplendismo!...

E' MESMO... EU SEI D'ISSO...
E POR AHI TODA A GENTE diz isso...

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

Aos Caçadores

Grande e variado sortido em espingardas centraes e de vareta, clavinas, rewolvers, pistolas e todos os artigos concernentes. Grande variedade em polvoras pyroxiladas taes como a Schultre, Empire, Coppal, Ballistite, Canonite, E C, Rottweiler, Regina e Horrido. Preços sem competencia.

Visitae o

BAZAR DOS CAÇADORES

R. SANTO ANTONIO, 40—Porto.

MERCEARIA PINHO & IRMÃOS

—LARGO DA PRAÇA—

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possivel aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR